3 1761 06576785

DISCURSO

PRONUNCIADO

PELO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL

VISCONDE DE VILLA MAIOR

EM 16 DE OUTUBRO DE 1872

POR OCCASIÃO DA FESTA COMMEMORATIVA

DA

REFORMA DA MESMA UNIVERSIDADE
EM 1772

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/discursopronunci00vill

DISCURSO

PRONUNCIADO

PELO REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL

VISCONDE DE VILLA MAIOR

EM 16 DE OUTUBRO DE 1872

POR OCCASIÃO DA FESTA COMMEMORATIVA

DA

REFORMA DA MESMA UNIVERSIDADE

EM 1772

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1872

Brief
LF
0003422

Senhores:

Um seculo acaba de correr desde o dia para sempre memoravel, em que, nesta mesma sala, o grande ministro d'el-rei o sr. D. José I abriu, com pompa quasi real, nova epoca na historia gloriosa d'esta Universidade.

Vinha elle, em nome do Monarcha, inaugurar a reforma da antiga academia, promulgando os Estatutos, que ainda hoje veneramos como grande monumento de sabedoria e progresso.

Comparando o estado de abatimento a que havia chegado a Universidade, outr'ora tão florescente, ao vigor e brilho com que ella surgiu das suas ruinas pelo impulso da reforma, pode bem afoutamente dizer-se — que os Estatutos de 1772 fundaram em Coimbra uma nova Universidade.—

Se a esta nova fundação — o que é incontestavel — deve a Universidade de Coimbra, não só a sua actual existencia, mas ainda o logar que occupa com tanta distincção na republica das sciencias, e a sua preponderancia na alta direcção intellectual do paiz, nada mais justo do que celebrarmos hoje ao cabo de tão longo periodo aquelle notavel acontecimento.

Obriga-me a posição que occupo a erguer a voz perante tão respeitavel assembléa, para commemorar o successo de mais alta importancia e mais fecundos resultados, que jámais occorreu durante a larga existencia d'esta Universidade.

Parece-me que o não poderei fazer mais apropriadamente do que apresentando-vos, em rapida revista, a sua notavel

historia desde a fundação dos estudos geraes, no reinado de D. Diniz, até á epoca em que uma singular e providencial concorrencia de extraordinarias circumstancias fez surgir a reforma de 1772, como digno remate do immenso trabalho da restauração, que se emprehendeu em Portugal, durante o governo glorioso do sr. D. José I; e ao mesmo tempo tractarei de avaliar, quanto as minhas forças e a natureza do discurso o permittirem, a necessidade e extensão da reforma, os resultados que d'ella se colheram, e a sua influencia sobre o futuro d'este grande centro da instrucção superior de Portugal.

Não farei um panegyrico da reforma nem dos reformadores, ornando o discurso com os primores da arte, que não cultivo e que tenho como improprios do logar, da occasião e do auditorio. Prestarei unicamente testimunho á verdade com a singeleza que lhe é devida, e com a inteira independencia que é propria das reuniões academicas.

Á insufficiencia do desempenho sirva de escusa a sujeição ao dever.

Firmadas pelas armas a independencia e autonomia de Portugal, sob o espirito guerreiro dos nossos primeiros reis, pôde o sabio D. Diniz, subindo ao throno, iniciar a sociedade portugueza nos trabalhos pacificos de uma organisação civilisadora.

Em quanto nos reinados anteriores nos achavamos empenhados, quasi sem descanço, na lucta pertinaz e aturada, que sustentámos contra as hostes musulmanas, principiavam a formar-se na Italia, em Inglaterra e na Europa central esses nucleos de intelligencia e saber, que formaram as Universidades da idade media, d'onde irradiou a illustração moderna.

D. Diniz, o povoador, o agricola, o cultor das letras e das artes, comprehendendo a importancia da educação scientifica para o bom governo dos povos, e auxiliado pelos prelados mais esclarecidos das ordens religiosas, em cujos mosteiros

se abrigava nesse tempo a sciencia, quiz tambem lançar em Portugal os fundamentos de uma Universidade secular, creando um estudo geral em Lisboa no anno de 1288.

O Supremo chefe da egreja catholica confirmou e auctorisou esta creação, e poucos annos depois, transferidos os estudos geraes para Coimbra, achou-se definitivamente organisada a Universidade portugueza, á similhança das que já então floresciam nos paizes mais cultos.

Nos reinados seguintes, durante dois seculos, caminhou com varia fortuna esta nossa academia, vivendo ora em Coimbra ora em Lisboa, até que el-rei D. João III a instaurou e firmou definitivamente nesta cidade, rainha do Mondego.

Nascendo modesta no XIII seculo, unicamente com tres faculdades — o direito canonico, o direito civil e a medicina — com um unico professor em cada faculdade, alem dos que regiam as cadeiras de grammatica, dialectica e musica, foi successivamente crescendo, alargando o campo do ensino, e adquirindo força e robustez pelos grandes privilegios, maior riqueza e mais larga influencia: influencia que tirava da natural preponderancia dos homens que ia educando.

A grande revolução nacional, que elevou ao throno portuguez o mestre d'Aviz, affirmando a nossa independencia pelo valor das nossas armas, foi o começo de uma epoca gloriosa, em que não só o facho da sciencia guiou os nossos antepassados aos grandes commettimentos maritimos, que assombraram o mundo, mas tambem, durante a qual, todas as attenções se voltaram para a elevada cultura da intelligencia e brilhantes adornos do espirito.

Em todos os reinados, desde D. João I até D. Manuel, a Universidade recebe sempre o valioso auxilio dos monarchas, seus naturaes protectores, os quaes, successivamente e cada vez mais, intervêm pela sua auctoridade com toda a efficacia na direcção dos estudos.

Cresce o numero das cadeiras em cada uma das faculdades: toma logar entre estas a Theologia, que até então se ficara ensinando unicamente nos mosteiros: a geometria e pouco

depois a astronomia entram no quadro do ensino universitario. Ao immortal infante D. Henrique, que havia erguido no seu observatorio de Sagres o facho luminoso dos estudos cosmographicos e astronomicos, com que patenteou aos navegantes o caminho dos novos mundos, deveu a Universidade, entre outros beneficios feitos á sciencia, este grande progresso.

Simultaneamente com a instrucção superior desenvolvia-se tambem junto á Universidade o estudo preparatorio e auxiliar das *artes*, que mais tarde se chamou de humanidades.

O adiantamento nas sciencias era decisivo e real; mas não se pode desassombradamente asseverar que a Universidade portugueza, estabelecida então em Lisboa, houvesse alcançado a brilhante situação e os creditos das que por esses tempos mais floresciam na Europa. Vê-se que era então manifesta a insufficiencia do ensino superior em Portugal, pois que o Monarcha sustentava em París avultado numero de estudantes para alcançar homens de sciencia com mais completa instrucção.

Vicios de regimen, abusos condemnaveis se haviam introduzido na administração universitaria, os quaes por vezes provocaram da parte dos Soberanos manifestações de descontentamento. No fim do reinado do *venturoso* rei D. Manuel, quando seu filho D. João III subiu ao throno, tornava-se já necessaria uma reforma radical da Universidade.

Emprehendeu-a este Soberano; e, para a tornar completa e perduravel, resolveu transferir de uma vez para sempre a Universidade de Lisboa para Coimbra, d'onde ella se achava ausente havia já 160 annos, depois que D. Fernando, em 1377, a mudára para a nova capital. Deu-lhe então el-rei estes seus paços reaes para habitação; completou as faculdades; povoou-as principalmente com professores eminentes, muitos dos quaes foi buscar ás Universidades de Italia, de França e de Hespanha; fundou em largas bases o Collegio das Artes; regulou e accrescentou a fazenda universitaria, ao mesmo tempo que melhorou as condições do professorado, e até imprimiu com a sua presença grande impulso á reforma, na visita que

por então fez a esta academia, cujos extraordinarios progressos em poucos annos lhe grangearam solida reputação.

Viu-se então, como nunca mais se tornou a ver, affluirem a Coimbra numerosos alumnos extrangeiros, attrahidos pela grande sciencia dos nossos professores. Era porque a escolha dos homens, com que se constituiu a Universidade em 1537, tinha sido a mais acertada e judiciosa.

O mesmo aconteceu ás antigas Universidades de Salamanca, de Bolonha, de París e a outras muitas; isto mesmo acontece em nossos dias nas mais celebres Universidades de Allemanha. Na historia de todas as escolas, antigas e modernas, vemos sempre que os seus creditos, esplendor e fortuna dependem unicamente dos professores que as illustram, e nunca de outras condições, por mais vantajosas que ellas sejam.

Floresceu por algum tempo a Universidade portugueza, e, se nos primeiros annos recebeu a luz da sciencia extranha, em curto espaço a fez propria e fecundou muitos ingenhos, que não só illustraram esta nossa terra, mas até foram levar a outras Universidades o saber aqui adquirido.

Era ja corrente nesse tempo, e ainda hoje é verdade incontestavel na republica das sciencias, que os homens, que as professam com reconhecida superioridade, devem ter logar em todas as escolas, que se presam de esclarecidas, sem que se lhes exijam diplomas de nacionalidade certa e determinada. A verdadeira sciencia não brota espontanea e não produz melhores fructos, preferindo as margens d'este ás d'aquelle rio: prospéra em todos os campos, onde Deus a semeia e o homem a cultiva, e, venha ella d'onde vier, illumina todos os espiritos que a seguem, como o sol esclarece todas as espheras que o rodeiam.

A Universidade de Coimbra, reformada por D. João III, depois de haver conquistado um grande nome, e haver produzido tantos varões illustres, notaveis nas sciencias, preclaros nas letras, e veneraveis pelas nobres virtudes e fortaleza de caracter, apezar da sua vigorosa constituição, não póde sub-

rahir-se á fatalidade, que persegue todas as instituições humanas.

As riquezas da India haviam gerado em Portugal, pelo abuso que d'ellas se fazia, um estado pletorico, que teve por consequencia uma funesta corrupção. Todos os orgãos do corpo social entraram em decomposição. E a Universidade, minada pelas ruinas, que lhes suscitavam os inimigos jurados de todo o progresso, succumbiu, como tudo quanto era grande, elevado e nobre em Portugal.

Não era de certo esta a consequencia que se devera esperar do grande movimento do seculo, a que me refiro, nem da parte que nelle haviam tomado os portuguezes.

O renascimento das artes e das letras classicas, que na Italia surgiu após a quéda do imperio bizantino, patenteando á Europa as inexhauriveis riquezas do saber antigo; a ingenhosa invenção de Gutemberg, creando o instrumento mais poderoso para divulgar e immortalisar as creações da intelligencia; a espantosa agitação dos espiritos e do caracter nacional que promoveu as grandes emprezas maritimas, em que os nossos navegantes tiveram a parte mais gloriosa, *descobrindo* — como disse o grande Pedro Nunes — *novas ilhas, novas terras, novos mares, e, o que mais é, novo céu e novas estrellas,* rasgando o véu, que occultava tão vasta porção do cosmos; todas estas extraordinarias circumstancias, todo este desusado e assombroso movimento dos homens, dos interesses e das idéas, parece que deviam ter dado entre nós vigoroso impulso ao adiantamento em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

E brilharam com effeito nessa epocha os nossos primeiros classicos e notaveis homens de sciencia: poetas, historiadores, jurisconsultos, mathematicos e naturalistas portuguezes precederam até muitos dos sabios escriptores, que no seculo XVI abrilhantaram os paizes mais cultos. Podemos com justificado orgulho citar ainda hoje os nomes venerandos de Luiz de Camões, de Sá de Miranda, de João de Barros, de Garcia da Horta e de outros muitos. Mas toda a gloria d'essa phalange

immortal de grandes homens de intelligencia e saber não foi bastante para fazer sustar a decadencia e entorpecimento a que eramos arrastados.

Espessa nuvem de fanatismo e intolerancia religiosa pairava desde longo tempo sobre a peninsula iberica. Já desde o reinado de Fernando e Izabel a Catholica, pelas ferozes inspirações do terrivel Torquemada, havia começado a iniqua perseguição contra os homens da raça hebraica, que se continuou entre nós, acompanhada de violentas perturbações no tempo de D. Manuel, nutrindo os instinctos ferozes da plebe ignorante e desvairada, e causando graves prejuizos á prosperidade publica e riqueza nacional.

Ao mesmo tempo que as letras e as artes tornavam tão luzida a côrte do venturoso monarcha, já quando a imprensa começava entre nós a reproduzir largamente as obras dos grandes ingenhos, e que nas emprezas maritimas se ostentavam com tanta galhardia o saber dos nossos cosmographos, a energia dos nossos navegantes, e o indomavel valor dos conquistadores portuguezes, ia crescendo, para suffocar todo o progresso, a nefasta influencia da hypocrisia fanatica, que chegou a dominar implacavel no fim do reinado seguinte.

D. João III, o proprio reformador da Universidade, aquelle mesmo que a rejuvenescera e fizera medrar com tão preciosos cuidados e tanto acerto, preparou inconsciente a destruição da sua propria obra, abrindo desvairado as portas do reino á Inquisição e aos Jesuitas.

Estes dois terriveis e ardilosos adversarios da liberdade da consciencia e da illustração secular, assentaram logo suas baterias contra este alcaçar das sciencias, que desde a reforma de 1537 havia adquirido grandes creditos e um logar distincto entre as escolas mais notaveis.

A Inquisição, que nascera do medo das reformas em materia religiosa, querendo conservar a supremacia e a unidade da egreja pelo terror, tornou-se o instrumento cego e brutal do absolutismo e da intolerancia.

Tinha indole diversa e mais largo alcance a Companhia dos

Jesuitas. Se o pensamento altamente religioso do seu fundador, o sublime exemplo, o ardente e sancto zelo do apostolo das Indias conduziam ainda alguns missionarios de boa fé ás remotas regiões do novo mundo para converter á christandade os povos barbaros e incultos, a demasiada ambição da Companhia, que se havia transformado em verdadeira potencia politica e social, mirava a objectivo mais terrestre e mundano: aspirava ao dominio da sociedade civil pelas influencias de todas as ordens.

Receando ella os perigos do livre pensamento, e tremendo das tendencias liberaes do ensino secular, intentou governar os povos pela sua superior influencia, apoderando-se da educação publica, como do mais poderoso meio de dirigir a sociedade.

Diriamos que o seu plano consistia em fazer parar todo o progresso intellectual, realisando na Europa, e por todo o orbe, o que na China conseguiram as classes dominantes, que tornaram estacionaria, em proveito da sua auctoridade, a civilisação d'aquelle vasto imperio.

Sem, por certo, se combinarem entre si como dois naturaes alliados, sem terem um pensamento commum, antes muito diverso, mas servindo-se mutuamente, a Inquisição e a Companhia Jesuitica abalaram ambas ellas os fundamentos do edificio universitario, suffocaram nelle todas as aspirações de progresso, e dispersaram com perseguição traçoeira os seus mais illustres professores, e isto no momento, em que esta escola começava a ser respeitada, pela sua gravidade e sciencia, entre as mais cultas.

Nesta perniciosa campanha a Inquisição foi o instrumento, e a Companhia a verdadeira força motrix.

A lucta da Companhia Jesuitica contra a instrucção secular não começou entre nós: era já filha de um plano geral, longa e astuciosamente preparado; mas em toda a parte as universidades lhe oppozeram resistencia. Por muito tempo duraram as hostilidades; e pode dizer-se afoitamente que ainda continuam nos paizes, em que os Jesuitas podem exercer a sua

perniciosa influencia. Em França — para não citar senão um exemplo — quando a lucta principiou, os parlamentos tomaram a defesa do ensino secular. A Universidade de París ficou triumphante. Depois, quando Henrique IV, contra o voto expresso do parlamento de Rouen, restabeleceu em 1604 os Jesuitas, que haviam sido expulsos em 1594, prohibiu-lhes o exercicio publico nas escolas. Mais tarde, em 1610, depois de fallecido aquelle Monarcha, quizeram levantar-lhe esta prohibição; mas suscitou-se neste ponto um notavel processo perante o parlamento de París, que, em 22 de dezembro de 1611, julgou contra os Jesuitas, vedando-lhes o intrometterem-se de qualquer modo que fosse, por si ou pessoas interpostas, na cidade de París em tudo o que se referisse á instrucção da mocidade.

Entre nós a resistencia foi menos poderosa, ou menos feliz. As côrtes de 1562, no reinado de D. Sebastião, ainda reclamaram contra os estudos dos Jesuitas. A nobreza e o povo da sempre liberal cidade do Porto representaram tambem contra os collegios da Companhia. A Universidade não cedia de bom grado, mas todos os seus esforços foram baldados. A Companhia supplantou todas estas malaventuradas resistencias, e assenhoreou-se completamente do ensino publico. De secular, livre e independente, como era dentro da Universidade, tornou-se este essencialmente jesuitico.

Para mais solidamente firmarem o seu dominio nas regiões superiores da instrucção, os padres da Companhia levaram o cardeal D. Henrique, durante a sua regencia, a fundar em Evora uma Universidade, em que elles plenamente dominassem. Queriam seguramente com ella contrabalançar o resto da influencia secular, que ainda porventura podesse exercer a de Coimbra.

Era excesso de prudente precaução. A Companhia já n'aquelle tempo, depois de ter dispersado com a mais traiçoeira perseguição os mais distinctos professores, que lhe eram suspeitos; depois de ter ardilosamente suscitado o odio do povo contra os extrangeiros, cuja convivencia nos podia esclarecer,

monopolisava a instrucção publica em todo o reino, insinuava-se no sanctuario das familias e dominava o governo do Estado.

A Inquisição, pela sua parte, perseguia, martyrisava e queimava nos seus horriveis autos de fé os homens, que por qualquer motivo, apparente ou real, punham em sobresalto a sua tyrannia, ou despertavam a cubiça dos dominadores.

Fóra da peninsula, na França, na Italia e na Allemanha, o campo das sciencias cada vez mais e mais se alargava e fecundava, a despeito de importunas resistencias. Se o immortal Galileo foi constrangido a curvar-se perante o absurdo juizo de fanaticos ignorantes, nem por isso as suas doutrinas deixaram de triumphar, nem a terra deixou de gyrar em tôrno do sol.

Em Portugal a sciencia emmudecia aterrada perante as fogueiras do Sancto Officio, e os estudos superiores cada vez mais se retrahiam debaixo das nefandas influencias, que produziram o immenso desastre de Alcacer-el-Quibir, e nos submetteram á longa e atroz dominação dos Philippes.

Calamitosa epoca foi esta para Portugal, grande e penoso foi o martyrio, em que vimos perdida a independencia, rebaixado o caracter nacional, extincto o antigo brio, humilhada a virtude e morta quasi a esperança. ¿Como poderiam então prosperar e caminhar as sciencias? Não pode haver adiantamento algum na instrucção de um povo, que perde a sua independencia e com ella a liberdade.

Por longo tempo persistiram os estragos produzidos pela dominação de Castella, e preparados de antemão, nos reinados immediatamente anteriores, com tanta iniquidade de uns, como culpavel ignorancia e fraqueza de outros.

Se a gloriosa restauração de 1640 nos restituiu a autonomia e independencia politica, fazendo-nos recuperar o logar que nos pertencia entre as outras nações da Europa; se o nosso valor e virtudes civicas se ostentaram de novo com o seu antigo brilho nos campos de batalha, não foi tão facil alcançar a posição que haviamos occupado entre os povos illustrados e cultores das sciencias.

Podémos libertar-nos pelas armas do jugo dos Philippes; mas não conseguimos, nem tentámos afastar os obstaculos, que nos oppunham a todo o progresso scientifico a influencia jesuitica e o terror da Inquisição.

É só durante o reinado do sr. D. João v, que principia a despontar a luz, que ha de, durante o governo de seu filho, dissipar as trévas, que nos cercavam.

O seculo XVII, que para além dos Pyrineos havia presenceado grande agitação dos espiritos e util lavor no campo das sciencias, correu safaro e esteril entre nós em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Raros foram os escriptores de verdadeiro merito, e a Universidade jazia anemica e prostrada debaixo da roupeta jesuitica.

Nos ultimos annos d'este seculo começaram apenas a germinar as imperfeitas, quasi pueris e ás vezes exoticas tentativas litterarias das chamadas academias particulares, que parecia surgirem antes para distracção e passatempo de espiritos frivolos e desoccupados, do que para excitamento de progresso e instrucção. Eram como ensaios infantis que precedem uma juventude mais activa. Creando porém a Academia Real da historia portugueza, o sr. D. João v deu verdadeiro impulso á restauração das letras e dos estudos serios em Portugal.

A par das suas faustosas prodigalidades favoreceu este soberano generosamente os esforços que se iam espontaneamente manifestando em todos os ramos de cultura intellectual.

Grande era já o movimento dos espiritos por toda a parte. Muito havia que os genios immortaes, que tiveram os nomes de Kepler, de Galileo, de Paracelso, de Descartes, e de Bacon tinham acceso o facho das sciencias. Boerhaave, Harvey, Grotius, Fenelon, Bossuet, Montesquieu, Pascal e tantos outros eram já conhecidos em toda a Europa, e o esplendor dos seus escriptos fulgurava por cima dos Pyrinéos. A illustração tambem é contagiosa, e, mais tarde ou mais cedo, leva a sua benefica influencia a toda a parte.

O sr. D. João v foi largo na acquisição dos bons livros e na formação das bibliothecas. Deve-lhe a Universidade a sum-

ptuosa e magnifica construcção em que actualmete abriga as suas preciosas collecções bibliographicas. Os estudos medicos mereceram-lhe tambem particular protecção. Outras muitas são ainda as provas que existem dos bons desejos d'este monarcha em melhorar as differentes provincias da instrucção publica: porém não lhe foi dado realisar a maior parte d'elles, porque os obstaculos eram tenazes, e nos ultimos annos do seu reinado uma antecipada e rapida decadencia senil extinguiu-lhe a energia e paralisou-lhe a boa vontade. Todavia as resistencias, que encontrou, não poderam obstar a que elle, favorecendo a intervenção dos padres do Oratorio na instrucção publica, abalasse os fundamentos do monopolio jesuitico, e preparasse irremediavelmente a restauração dos estudos, e o triumpho nos bons principios de administração litteraria e escholar, que fizeram a gloria do seguinte reinado.

Era com effeito já um notavel progresso o haver conseguido, ou alcançado por fortuna que, durante o seu governo, se podessem educar e preparar os homens eminentes que tanto contribuiram para a grande reforma que hoje commemoramos.

Em presença do extraordinario movimento intellectual, que no XVIII seculo agitava a Europa, e no qual a França, dando-lhe a direcção, tomava a parte mais importante, não era possivel obstar a que nos chegassem, aqui mesmo aos limites do occidente, essas ondas luminosas de progresso, que excitavam os espiritos mais timoratos. Teria sido necessario que os campeões e fautores do obscurantismo tivessem podido separar a nossa peninsula do resto do continente europeu, e a impellissem até os confins da terra, cercando-a com os gelos polares, para a conservarem ainda por algum tempo apartada do movimento civilisador, que crescia com prodigiosa velocidade, semeando os germens dos portentosos descobrimentos, que o presente seculo está vendo realisar.

Quando El-Rei o sr. D. José I subiu ao throno, ia em meio

o XVIII seculo. Era o seculo de Voltaire, de Diderot e d'Alembert; o seculo dos encyclopedistas e dos chamados philosophos, que principiavam já nesse tempo um immenso trabalho titanico na demolição das ideias, dos erros e prejuizos antigos, para em seu logar erguerem os principios e os systemas modernos, que deviam servir de fundamento á grande revolução, que transformou a sociedade civil e originou a nova constituição da Europa.

Apezar do abatimento a que haviamos chegado; apezar da espessa camada de ignorancia que abafava a maior parte dos espiritos, e da vigilancia feroz que se oppunha á introducção das luzes entre o nosso povo, muitos espiritos superiores, ou mais esclarecidos, ou melhor dispostos e bem intencionados, agitavam-se interiormente e aspiravam impacientes á regeneração da liberdade do pensamento e do livre imperio da razão. Eram porém grandes, poderosas e terriveis as resistencias, como as sabe oppor o fanatismo. Tornava-se então necessario que de cima se erguesse tambem, para as debellar e destruir, um braço potente, uma vontade de ferro, um caracter energico, e uma intelligencia superior e desprendida de preconceitos. Designou a Providencia para exercer esta missão ao grande Marquez de Pombal.

Serve-se ella muitas vezes de terriveis meios para alcançar grandes resultados. Tremenda é a guerra, deshumana, feroz e sanguinolenta; e quantas vezes tem ella sido o instrumento fatal e necessario dos progressos da civilisação? Assim nos apparece o Marquez de Pombal cercado do féro apparato de uma atroz tyrannia, para vencer e arrazar os obstaculos que se oppunham aos seus intentos civilisadores. Foram por vezes crueis, odiosos e talvez excessivos os meios que empregou. Mas poderia elle ter conseguido em tão curto prazo os mesmos resultados só pelo emprego de uma auctoridade benevola, illustrada e legal? Não me cumpre agora discutil-o; nem eu pretendo historiar e julgar a administração do Marquez de Pombal. O meu fim é simplesmente apreciar a sua directa intervenção na reforma d'esta Universidade: comtudo

seja-me permittido recordar que a historia imparcial não pode negar áquelle homem extraordinario, apezar dos seus erros economicos, os eminentes serviços feitos á civilisação d'este paiz, e a homenagem prestada aos principios humanitarios em muitas das providencias que suggeriu ao poder real. ¿Quem primeiro egualou perante a lei os subditos portuguezes, indigenas das nossas possessões asiaticas? Quem primeiro declarou livres os escravos, que tocassem a terra do continente de Portugal, dando assim começo á emancipação da raça africana? Respondam os notaveis decretos de 1761.

Contraponde as naturaes e necessarias consequencias d'estes diplomas á justa indignação, que excitam as sevicias empregadas contra uma parte da nossa antiga aristocracia e contra os Jesuitas, e decidi para que lado pende a balança...

Mas não devo, nem desejo afastar-me do plano que tracei neste discurso.

Qualquer grande e convicto administrador, ainda que não chegasse á estatura politica do Marquez de Pombal, não podia deixar de attender, na situação em que se achava o reino, á imperiosa necessidade de reformar a instrucção publica, porque nenhum d'elles desconheceria que esta é a base mais solida da organisação, força e prosperidade dos estados.

No ponto em que estava, ao começar o reinado do sr. D. José I, esta provincia da administração publica em todos os seus ramos, era por certo ardua e laboriosa tarefa emprehender e levar a cabo uma completa e salutar reforma.— Quasi nulla a instrucção primaria que o estado administrava; entregue ás corporações religiosas, e sujeita principalmente aos Jesuitas a instrucção secundaria; e na Universidade a instrucção superior reduzida por influencia d'elles a uma perfeita illusão:— tal é em resumido quadro o estado do ensino publico no meio do seculo passado em Portugal.

As difficuldades inherentes á completa regeneração, que este estado de cousas exigia, e ao mesmo tempo a lucta gigantesca, em que o governo se empenhara para derribar os poderosos obstaculos que encontrou no seu caminho de refor-

mação, explicam até certo ponto os vinte e um annos de intervallo que decorreram desde o começo do reinado do sr. D. José e do ministerio de Sebastião José de Carvalho até á reforma da Universidade.

Ao ver principiar esta administração, concedendo em 1750 aos estudantes da Universidade a dispensa na frequencia das aulas durante um anno, para celebrar condignamente a ascensão do Monarcha ao throno portuguez, não se podiam prever as futuras providencias que regeneraram esta academia, que deram tão vigoroso impulso ao ensino das humanidades, e que lançaram as solidas bases da instrucção popular. Porem o ministro, que havia de resumir em si a força directriz da politica neste reinado, tinha durante os primeiros annos da sua vida publica occupado importantes missões diplomaticas em Londres e Vienna d'Austria, tinha presenciado de perto a actividade litteraria e scientifica dos mais cultos paizes da Europa, e avaliado bem quanto prepondéra a instrucção geral dos cidadãos no bom governo dos estados, para deixar, com o seu elevado ingenho, de cuidar seriamente nos meios de regenerar entre nós este poderoso instrumento da civilisação.

O primeiro passo, para poder realisar desassombradamente um tal pensamento, era annullar a influencia, ainda preponderante, que a Companhia dos Jesuitas exercia na direcção do ensino publico. Neste intuito, seguindo o caminho já aberto no reinado anterior, alargou e favoreceu a concorrencia, que neste ramo faziam já aos Jesuitas os padres da Congregação do Oratorio. Prohibiu-lhes depois expressamente o ensino, rompendo contra elles em aberta hostilidade, e não tardou muito o golpe final, que expulsou para sempre a celebre Companhia Jesuitica dos dominios portuguezes, depois de uma lucta desapiedada e violenta.

Nove annos haviam já decorrido desde que o sr. D. José I subira ao throno, e que nos seus conselhos tinha assento o energico ministro; mas estes nove annos passaram-se em improbo e constante lavor para superar grandes difficuldades,

vencer formidaveis resistencias e reparar pavorosos estragos, como aquelles que produziu o assombroso terremoto de 1755.

Só em 1759 é que verdadeiramente começaram a apparecer as providencias directas tendentes á restauração dos estudos: primeiro dilatando e aperfeiçoando o ensino das linguas classicas e humanidades, que devia servir de preparatorio aos estudos maiores e divulgar o gosto pelo aperfeiçoamento da educação intellectual; depois creando varios institutos de instrucção especial e geral, entre os quaes figura com particular distincção o Collegio dos Nobres, que em 1761 foi estabelecido no proprio Collegio das missões jesuiticas em Lisboa, e nelle se fez, para assim dizer, o ensaio ou primeira tentativa para a organisação da Faculdade de Mathematica, que mais tarde veio accrescentar e abrilhantar esta Universidade.

Foi eminentemente logico o systema adoptado, porque sem uma bem organisada e forte instrucção preliminar com o estudo das linguas classicas, dos principios da sã philosophia racional, e d'aquella parte das mathematicas elementares, que são mais apropriadas ao exercicio da recta razão, não pode ser proficuo o estudo das sciencias superiores.

A Carta de Lei de 23 de dezembro de 1770, creando a Junta de Providencia Litteraria, abre finalmente a marcha franca, audaz e decisiva para a reforma da Universidade. A escolha dos homens eminentes e illustrados, que a compozeram, revela o acerto e seriedade com que foi concebida e emprehendida a regeneração, ou antes a nova fundação dos estudos superiores. Basta mencionar entre os escolhidos o grande Cenaculo, bispo de Beja, um dos homens mais eruditos e mais graves do seculo passado, e o illustre D. Francisco de Lemos, que nesta Universidade exerceu por duas vezes o cargo de Reitor, deixando gloriosa memoria da sua acertada e activa administração.

No diploma, a que me refiro, foi expressamente indicado o caminho, que na sua execução deviam seguir os vogaes da

Junta de Providencia Litteraria. Prescrevia-se-lhes que estudassem com toda a exactidão as causas que haviam produzido a decadencia e ruina da Universidade; que ponderassem os remedios que conviria applicar-lhe, e apontassem os cursos scientificos e os methodos que se deviam estabelecer para a fundação dos bons e depurados estudos das artes e sciencias.

Como esta respeitavel Junta se desempenhou do subido encargo, que lhe fôra commettido, patentêa-o a todas as luzes a extensa e volumosa consulta que subiu á presença do governo em 28 de agosto de 1771 com o titulo de—*Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra*—o qual precedeu e encaminhou os novos Estatutos.

Rigoroso na analyse, judicioso nos conceitos, claro e positivo nas conclusões, é o *Compendio historico* um trabalho de grande valia: mas, para o julgarmos com toda a imparcialidade, devemos nelle pôr de parte as longas, diffusas e apaixonadas invectivas, que alli a cada passo se acham contra os Jesuitas, aos quaes se attribue toda a responsabilidade das causas que originaram a decadencia da Universidade. Não se pode duvidar que foram elles incansaveis, tenazes, ardilosos e implacaveis nesta obra de destruição e obscurantismo; mas devemos tambem confessar que acharam a materia bem disposta, debil resistencia no corpo universitario, e grande auxilio na corrupção das classes preponderantes, na ignorancia e fanatismo do povo, e na completa atrophia do espirito nacional.

Mas quando o espirito publico de um povo se acha amortecido e exhausto por longo soffrimento, ou pela falta da indispensavel nutrição intellectual, concentra-se muitas vezes toda a força de expansão num grupo limitado de individuos, ou se personifica em um só homem superior, que, se as circumstancias os favorecem, rompem contra todos os obstaculos, irritam-se com as resistencias e manifestam a sua actividade em proporções apaixonadas, ultrapassando os limites do justo e razoavel.

Não devem por tanto admirar-nos muito as exaggerações,

com que naquella epoca foram fulminados os Jesuitas pelos homens, que sob a direcção do Marquez de Pombal constituiam o partido do progresso. É comtudo para lastimar que o odio, que no *Compendio historico* a cada momento transparece contra elles, contra as suas doutrinas, e até contra as que sem razão se attribuem a Aristoteles, tome frequentes vézes a feição de verdadeira mania e toque as raias do ridiculo em prejuizo da auctoridade da obra.

O que á luz da historia é innegavel, é que a decadencia e quasi aniquilação da Universidade era manifesta, desde que as intrigas e perseguições tinham dispersado a phalange dos professores illustres, com que ella se havia instaurado nos primeiros tempos do reinado de D. João III.

O *Compendio historico* attribue principalmente esta decadencia aos multiplicados, successivos e perniciosos Estatutos, introduzidos pela instigação e pelos manejos ardilosos dos Jesuitas, com o fim de se apoderarem da suprema direcção dos estudos. Mas, se por um lado é indubitavel que esses Estatutos, feitos adrede para ter sujeita a Universidade aos intentos da Companhia, oppunham de per si sós poderoso obstaculo a todo o progresso scientifico, tambem é certo que a incapacidade, o desalento ou a pusillanimidade dos professores concorreram ainda mais poderosamente para aniquilar os bons conceitos, em que até então era tida esta academia.

Nem os melhores e mais bem pensados Estatutos podem fazer uma boa escola com professores insignificantes ou mediocres, nem uma corporação de homens respeitaveis, sabios e verdadeiramente illustrados pode ser reduzida á nullidade pela simples influencia de um máu regulamento.

Tudo conspirou para a desgraça da Universidade naquella epoca. De fora os interesseiros enredos dos Jesuitas, o terror da Inquisição e o obscurantismo dos governantes; de dentro a fraqueza e a incapacidade da corporação academica. Pela minha parte estou plenamente convencido de que não só os ultimos Estatutos, pelos quaes a Universidade se regia ainda em 1772, eram insufficientes, defeituosos, pessimos em tudo

o que diz respeito á organisação litteraria e scientifica de uma Universidade; mas tambem que a corporação universitaria não tinha sentimento ou dignidade moral, nem vida, nem sciencia, nem consciencia da sua inferioridade, e que por tudo isso era incapaz de sair pelo seu proprio esforço do vergonhoso abatimento e torpor a que havia chegado.

As memorias escriptas pelos illustres professores, que se encarregaram de fazer a historia de cada uma das faculdades, dizer-vos-hão melhor do que eu o poderia fazer, o estado em que se achava o ensino das sciencias na transição do velho para o novo regimen. Só vos recordarei, para justificar o que tenho dicto, as notaveis conclusões com que termina a Consulta da Junta de Providencia Litteraria, depois de expor o lastimoso quadro da velha Universidade. Litteralmente as repito para lhes não alterar o valor.

«*Primeira:* que a Universidade de Coimbra depois que foi governada por aquelles *sextos* e *setimos* Estatutos não ficou mais sendo uma Universidade de letras; mas sim uma officina perniciosa, cujas machinas ficaram sinistramente laborando, para d'ellas sahir a má obra de uma ignorancia artificial, que obstruisse todas as luzes naturaes dos felices engenhos portuguezes.»

«*Segunda:* que aquelles pestiferos venenos deitados na fonte das sciencias foram os que infectaram os corações e as cabeças dos réos das usurpações, das sedições, dos insultos e das atrocidades, que, desde que entraram a obrar os referidos Estatutos, se tem visto em Portugal tão espantosamente. Quando o que se via antes dos referidos Estatutos eram os feitos illustres e os heroicos progressos dos portuguezes: no continente forçando os mouros a irem buscar refugio além do Oceano e do Mediterraneo: na Africa fazendo as conquistas com que subjugou e fez tributarios os mesmos infieis: na Asia e na America descobrindo novas regiões antes desconhecidas, e fundando n'ellas os dois vastos senhorios do Brazil e da India Portugueza.»

«*Terceira* e *ultima:* que nada ha nos dictos Estatutos

que seja objecto de reforma; mas que muito pelo contrario, depois de se haverem extrahido d'elles especificamente as intrinsecas causas com que arruinaram cada uma das sciencias no seu particular; para se lhe opporem os remedios contrarios, se devem prescrever e abolir inteiramente, sem que d'elles fique algum vestigio, como se pratíca com a peste, a qual por qualquer pequena causa, que d'ella uma vez seja infecta, se communica ao commum dos povos menos acautelados.»

São talvez exaggeradas na forma e na essencia estas conclusões; mas havia nas premissas um fundo de verdade, que auctorisava a resolução final de rejeitar completamente os velhos Estatutos para dar nova organisação aos estudos.

Que havia observado a juncta de Providencia Litteraria no seu longo e meditado exame? O magisterio mal conceituado; a auctoridade pouco respeitada; a academia turbulenta; uma extrema relaxação na disciplina; pouco ou nenhum decóro nos costumes; nas aulas e nos exames disputas vãs e ridiculas; malbarateadas as distincções academicas; tida em pouco apreço a verdadeira sabedoria, e pelo contrario a ignorancia usurpando arrogante o throno da sciencia.

De tudo isto nada havia que aproveitar: convinha erguer desde os fundamentos uma nova Universidade. Tal foi a opinião da Junta: taes foram o intento do ministro e a deliberação de El-Rei.

O antigo quadro das universidades da idade media era já demasiadamente estreito para a vastidão das sciencias modernas, cujo ensino publico era altamente reclamado. As mais acreditadas escolas tinham aberto as suas portas aos cultores das sciencias physicas e naturaes, cujas lições lhe adquiriam grande renome.

Em Coimbra não existiam senão as faculdades de theologia, as juridicas, e a de medicina, todas ellas incompletas, principalmente a ultima, que se via privada do auxilio tão necessario das outras sciencias de observação e experiencia. Entre o collegio das Artes, que tinha a seu cargo os estudos preparatorios, e a Universidade, arrastavam uma existencia mal

segura, sem constituirem faculdade distincta, uma ou duas cadeiras de mathematica, bem pouco dignas de representarem a successão d'aquella, que occupara o grande Pedro Nunes com tanta gloria do nome portuguez.

Era portanto necessario organisar de novo as faculdades de theologia e juridicas segundo o espirito philosophico da epoca; restaurar a medicina, fornecendo-lhe o indispensavel subsidio das sciencias da natureza, das quaes ella tira os seus mais preciosos recursos, e constituir finalmente em faculdades universitarias, de par com as antigas, as sciencias mathematicas e as historico-naturaes com a physica e com a chimica.

Era sobretudo indispensavel instaurar o verdadeiro methodo de ensino e de estudo, banindo para sempre a absurda e redicula servidão, que tinha os professores e os discipulos tyranicamente sujeitos aos textos superiormente decretados; pois que na Universidade, como a tinham feito os Estatutos jesuiticos, as sciencias haviam sido substituidas por livros de auctores certos e determinados, cujas doutrinas o professor era obrigado a sustentar.

Deploravel systema, que dá sempre falsa ideia da sciencia; que escravisa o pensamento; que suffoca os ingenhos mais felizes, desviando-os do caminho da verdade; e que, em vez de produzir sabios e homens uteis, só alimenta um pedantismo pretencioso, mais nocivo do que a singela ignorancia.

A Junta de Providencia Litteraria, neste ponto, expõe e demonstra com abundancia e clareza todas as necessidades do ensino, indica os remedios que convem applicar-lhe e insiste particularmente no methodo. «E o methodo — diz ella, em relação aos estudos juridicos, mas que a todos se pode applicar — é o methodo o primeiro requisito do estudo, para por meio d'elle se poder adquirir um conhecimento profundo e solido das sciencias. Quem desconhece o methodo não pode ter ordem no estudo. E quem estuda sem ordem, adianta-se pouco na estrada das sciencias, tropeça a cada passo e perde um tempo infinito.»

Assim vemos que na redacção dos novos Estatutos, a que

o governo mandou immediatamente proceder, se attendeu muito particularmente ao methodo, que se devia seguir na exposição das doutrinas. Pode até dizer-se que nesta parte peccam os Estatutos por demasia, prendendo com excessivas precauções a discreta liberdade, que devem ter os professores na direcção do ensino. Se attendermos porem a todas as condições em que se achava a antiga Universidade, aos habitos viciosos aqui demasiadamente inveterados, ás ideias ainda então dominantes, ao antagonismo entre a inercia da velha corporação e as novas tendencias do seculo, e ao isolamento em que se achava Coimbra, sem ter a minima participação no movimento ascendente das conquistas da intelligencia, acharemos até certo ponto justificadas essas minuciosas precauções e a abundancia de regras, preceitos e conselhos que fazem hoje parecer, a muitos, demasiadamente prolixos os Estatutos de 1772.

Mas, quanto mais se estuda esta obra admiravel, referindo-a á epoca em que foi redigida, maior é a veneração e respeito, que nos inspiram os seus redactores e o pensamento vigoroso do governo que a concebeu e decretou.

Magestosa no seu conjuncto; correcta e aprimorada no estylo; logica, severa e rigorosa na coordenação; acautelada e previdente nas disposições; revela em todas as suas partes extrema solicitude pela instrucção e boa educação da mocidade, ardente desejo pelo adiantamento das sciencias, e pronunciada e decisiva intenção de promover o bem publico, formando homens devidamente habilitados para o serviço da egreja e do paiz, e para assegurar a grandeza e prosperidade do estado.

Até áquella epoca não havia apparecido em parte alguma codigo de instrucção universitaria nem mais completo nem mais perfeito: assim foi elle saudado com enthusiasmo pelos nacionaes, e com admiração pelos extranhos.

Maravilha-nos ainda, neste trabalho monumental, o judicioso artificio com que o legislador (convencido de que o respeito devido ás tradições daria força e consistencia a uma

instituição essencialmente moderna) soube conciliar o espirito philosophico e progressivo do seculo com as venerandas formas de uma instituição da idade media. É só para lastimar que esta magnifica obra dos Estatutos ficasse incompleta por se limitar unicamente á organisação das faculdades, dos seus cursos e do serviço exclusivamente litterario, deixando indecisos outros importantes ramos da administração universitaria, que providencias ulteriores quizeram inopportunamente regular, sem o poderem conseguir de um modo conveniente, por lhes fallecer a coherencia, que sómente se alcança pela unidade do pensamento.

Mas é tempo de recordarmos qual foi o resultado immediato da reforma.

Que espantosa differença entre as ruinas da decrepita Universidade, como a havia encontrado o sr. D. José I no principio do seu reinado, e a Universidade rejuvenescida pela reforma do Marquez de Pombal!—Encontrara elle as quatro faculdades de Theologia, Direito canonico, Direito civil e Medicina presas ao cepo dos Estatutos philippinos e jesuiticos; desconhecendo o seculo em que viviam; cegas para a luz da philosophia; paralyticas em todo o movimento scientifico; ignorando até o immenso poder que haviam adquirido as sciencias experimentaes e de observação, e dormindo um somno lethargico e secular recostadas sobre as suas cansadas e gastas postillas, e tendo em torno de si uma população escolastica turbulenta, e relaxada na disciplina e nos costumes.

Deixava agora, ao terminar o seu brilhante reinado, uma nova Universidade completa e vigorosa, com seis faculdades, duas das quaes inteiramente creadas de novo para estudo e ensino das sciencias mathematicas e de philosophia da natureza. Deixava instaurado o methodo de estudos mais adequado ao aproveitamento da nossa juventude, e garantida a mais ampla liberdade aos professores na exposição das suas opiniões em materia de sciencia; garantia claramente expressa naquellas memoraveis palavras dos Estatutos, que dizem:—

O Lente na sua cadeira deve ser considerado como cidadão livre do imperio da razão.—Deixava enriquecida a Universidade com todos os meios e instrumentos de experiencia e investigação de que mais careciam as sciencias physicas e medicas; lançados os fundamentos de um magestoso observatorio astronomico; traçado e principiado a plantar um vasto jardim botanico; começadas as galerias de um sumptuoso museu e de um gabinete de physica; construidas as officinas de um grandioso laboratorio de chimica, e abertos todos os estabelecimentos que então exigia a pratica das sciencias medicas. E acima de tudo isto radiava o enthusiasmo, crescendo a confiança na vida futura da Universidade.

Era geral a animação. Não se haviam poupado esforços e sacrificios para organisar, como por encanto, os estudos superiores nesta academia. O Monarcha havia sido largamente generoso na concessão dos meios; o ministro fôra vigilante, activo e energico; a superior administração da nova Universidade, dirigida pelo bispo de Zenopoli, era zelosa e intelligente; e o corpo docente, renovado em grande parte e reforçado com sabios nacionaes e extrangeiros, como José Monteiro da Rocha, José Anastacio da Cunha, Vandelli, Dalabella, e mais tarde com Avelar Brotero e tantos outros, promettia pela sua illustração dar realidade ás magnificas promessas da reforma, e erguer a Universidade de Coimbra á posição que no fim do seculo XVI havia já occupado entre as mais notaveis da Europa. E na verdade nenhum instituto scientifico d'esta ordem se podia então gloriar de ter uma organisação mais perfeita do que este nosso.

O governo tinha feito o seu dever: cumpria agora á Universidade completar e desinvolver a obra principiada com tão felices auspicios.

Corresponderam os resultados posteriores a tão lisongeira perspectiva?

Nas memorias, que vos serão presentes, responderão de certo a esta pergunta os sabios relatores das faculdades. Ninguem ignora que as grandes perturbações politicas, que se

originaram em França e que transformaram a Europa, principiaram poucos annos depois de promulgada a reforma da nossa Universidade, e antes de haver decorrido o tempo necessario para a completar em todos os pontos e para todos os seus effeitos.

Involto Portugal desastradamente, no principio d'este seculo, nessa tormenta colossal e assombrosa de revoluções e conquistas, não podia a Universidade deixar de atravessar penosas vicissitudes, cujas consequencias se prolongaram até aos nossos dias; mas, quaesquer que ellas fossem, é comtudo bem certo que da Universidade reformada é que sahiram os homens eminentes, que mais tarde cooperaram, com as suas profundas convicções e talento, para a nossa regeneração politica, que alvoresceu em agosto de 1820.

Não podia entrar no plano d'este meu discurso seguir passo a passo a historia da Universidade para áquem da reforma de 1772, porque o meu intento foi apenas limitado a commemorar aquella auspiciosa restauração.

No que é mais importante e de mais perto se liga com o progresso das sciencias vereis traçada essa historia nas memorias dos sabios relatores das faculdades. Ver-se-ha ali o caminho que a Universidade tem seguido, e podereis então avaliar o resultado das tentativas, mais ou menos discretas, que se pozeram em pratica, principalmente depois de 1836, com o fim de collocar esta nossa Academia nas condições de satisfazer ás necessidades da epoca em que vivemos e ás aspirações do futuro.

Não fatigarei agora a vossa attenção (de que já sobejamente tenho abusado) com a analyse e critica d'essas tentativas: direi apenas que, no sentir dos que mais se interessam pela instrucção superior, as providencias legislativas, adoptadas depois da reforma, não satisfazem completamente as necessidades actuaes, e que é urgente chamar sobre este ponto a attenção e cooperação dos homens competentes.

Vivemos, infelizmente, n'uma epoca inquieta, nervosa, e impressionavel, em que todos se queixam de tudo; porem,

ainda que ninguem acerte com a verdadeira causa dos soffrimentos, reaes ou imaginarios, que por toda a parte se manifestam, reconhecem pelo menos os mais sensatos que, se a illustração do povo fosse maior, menores seriam as apprehensões que o allucinam. Se é esta uma verdade que todos reconhecemos, obriga-nos a consciencia e o dever a trabalhar sem descanço nessa obra nacional, humanitaria e divina, da publica instrucção.

Nesta grande empreza a principal missão das Universidades é desenvolver e alimentar o espirito scientifico, transmittir a sciencia ás gerações futuras, e aperfeiçoar a educação moral e civica da mocidade. Compete-lhes portanto tomar a direcção do movimento ascendente das sociedades no caminho da perfectibilidade; caminho em que ellas se não podem conservar immoveis, porque o minimo atrazo no andamento progressivo das sciencias compromette o futuro intellectual das gerações que lhes estão confiadas. D'ahi vem que na instrucção superior universitaria, assim como na politica e em tudo o que está sujeito á lei do progresso, é necessario que os homens e as instituições se vão successivamente aperfeiçoando e caminhando no sentido das grandes ideias dominantes e a par com as novas situações; mas evitando sempre com prudencia as perigosas syrtes da exaggeração moderna.

Dois caminhos differentes temos visto seguir neste movimento progressivo das instituições que têm a seu cargo a instrucção superior. Napoleão I adoptou a rapida e revolucionaria transformação do organismo universitario; substituiu ás antigas Universidades da França as modernas academias, ligando todos os estabelecimentos de instrucção geral num systema administrativo demasiadamente centralisador, cujos resultados não têm sido os mais prosperos; porque, attrahindo ao centro a acção mais vigorosa de todas as forças intellectuaes do paiz, tende um tal systema a annullar a salutar concorrencia que deve estimular o trabalho scientifico entre as escolas independentes e rivaes; concorrencia esta a que as Universidades autonomas da Allemanha devem, em grande parte,

os seus continuos progressos, e que já nos tempos remotos originou a fecunda emulação, que deu tanta vida ás antigas Universidades da Italia, da França, da Inglaterra, da Allemanha e até ás da nossa peninsula.

Outros mais prudentes têm seguido o caminho da reformação successiva, lenta e gradual, acompanhando passo a passo o andamento progressivo e seguro das ideias, e as crescentes necessidades da civilisação, sem perder a força tradicional, a solida organisação e salutar autonomia das antigas Universidades.

Até certo ponto foi este o caminho seguido na reforma de 1772. Nos Estatutos, com que ella se inaugurou, sendo bem interpretados, podiam ter encontrado os modernos legisladores os meios de melhorar e accrescentar a instrucção, sem que fosse necessario perturbar a organisação universitaria com a multiplicidade de leis e providencias isoladas, que mais embaraçam o seu progresso do que o promovem e consolidam.

Hoje carecemos, a meu ver, de emprehender um trabalho de simplificação, que fortaleça a estructura da Universidade; que firme a instrucção sobre bases singelas, mas seguras; que prescinda dos multiplicados ornatos, que prejudicam a solidez da obra; e finalmente que faça reviver o gosto pela cultura desinteressada das sciencias, que visivelmente vai declinando, desde que se apossou da mocidade o espirito exclusivamente utilitario: carecemos de dar maior importancia aos estudos serios e positivos, estimulando os trabalhos de investigação e experiencia, dos quaes derivam todos os conhecimentos uteis; e, ainda mais, devemos banir das nossas escolas o favor que erradamente se tem dado ás apparencias loquazes, ás formas vãs e mentirosas de uma esteril verbosidade, que enreda os espiritos, disfarça a ignorancia, ou serve de atavio ás perigosas doutrinas que hoje, com tanta impudencia e má fé, se propagam para perverter a sociedade; devemos finalmente seguir a marcha indicada pelo espirito profundo e luminoso que brilha nos Estatutos de 1772, que é o verdadeiro espi-

rito do progresso scientifico e do aperfeiçoamento moral, como convem á sociedade portugueza.

Sigamos imperturbavelmente este caminho. Divagar sem rumo não é progredir, é retrogradar, é perder o tempo e a força.

ERRATAS

Pag.	*Linh.*	*Erros*	*Emendas*
15	26	dos progressos	aos progressos
16	6	os subditos	aos subditos
»	7	indigenas	os indigenas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
LF
0003422

01820915

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 05 19 05 002 1